

GILBERTO FREYRE, HISTORIADOR DA VIDA MATERIAL: OS BICHOS, AS COUSAS E AS TÉCNICAS

Cecília Maria Westphalen*

SUMÁRIO

A partir de paradigmas propostos por Fernand Braudel, aponta o pioneirismo freyriano – nas obras Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos e Nordeste – ao considerar a cultura material brasileira em seus ensaios da década de 1930. Conclui que o autor realizou “modernas aproximações da história social do Brasil” e uma “história da vida material da civilização da cana-de-açúcar”.

Ao longo destes sessenta anos, a obra de Gilberto Freyre tem sido analisada, discutida e criticada, sobretudo como teoria da formação da sociedade brasileira.

Alguns a contestam como modelo único da sociedade brasileira: patriarcal, latifundiária, monocultura, escravocrata. Outros, como eu, temos procurado nela encontrar as evidências das estruturas de muito longa duração, cujos sinais de permanência Gilberto Freyre apresenta-nos a partir da integração biológica e cultural do índio, do português e do negro africano que resultou no homem brasileiro. Essa formação, longe de significar unicidade estanque, comporta e clarifica multiplicidades sem conta de estoques genéticos, atitudes e comportamentos psicossociais.

Gilberto Freyre, na sua interpretação do Brasil, advertia, já em 1947, que:

...a inteira subordinação de diferenças históricas e geográficas a um rígido ideal de uniformidade levaria a uma forma de unidade estreita demais para um *continente* cultural tão complexo como o Brasil¹.

* Historiadora, professora emérita de História Moderna e Contemporânea da Universidade Federal do Paraná.

Na presente comunicação, sempre considerando a obra de Gilberto Freyre como historiador do social, depois de trabalhos teóricos, como *Gilberto Freyre: o tempo tribio e a longa duração*, ou *Um modelo de história social*, segundo paradigmas propostos por Fernand Braudel; e depois de trabalhos de análise das metodologias praticadas, como *Lições de Gilberto Freyre aos historiadores* e *O cotidiano em Casa-Grande & Senzala*², partindo de releituras de *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos* e hoje também incluindo o *Nordeste*, todos da década de 1930, vou em busca de Gilberto Freyre que, de modo precursor, além dos homens, considerou os *bichos*, as *cousas* e as *técnicas* que integram o universo da vida material, as economias, as sociedades, as civilizações, como mais tarde as apresentou como indispensável campo de estudo, esse notável historiador contemporâneo que foi Fernand Braudel.

Uma primeira observação geral acerca dos livros analisados, sobretudo nos dois primeiros, Gilberto Freyre trabalha freqüentemente com *pares contrastantes* que ele chama de antagonismos: "...a formação brasileira tem sido, na verdade, um processo de equilíbrio de antagonismos... predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo"³. Estes pares, na realidade, formam unidades. Assim, *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos*. Todavia, ao explicitar a vida material mais próxima, deu ao livro um título de um só vocábulo, simplesmente *Nordeste*, como que desejando com poderosa lupa, aumentar, acentuar geográfica e socialmente o que serve aos homens e é próprio do Nordeste da cana-de-açúcar, deixando para Djacir Menezes *O outro Nordeste*⁴, ou seja, clarificando as diversidades e as variações do próprio Nordeste, apontando as variações, as especificidades regionais do Brasil.

Todavia, se o título do *Nordeste* é único, nos seus conteúdos, continua, como em *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, trabalhando com pares, mesmo em se tratando dos bichos, das cousas e das técnicas.

Contrasta o gato gordo dormindo no colo de iaiá solteirona e mimado pelas mucamas dengosas, com o gato magro sobrevivendo com a caça aos ratos no azedo das bagaceiras e dos trapiches. O cachorro de caça e o cachorro bravo vigia do terreiro, da casa e dos sobrados.

Os bichos-de-pé que furavam os dedos dos homens, enquanto os carrapatos e as varejeiras perseguiram o gado.

O carneiro, animal de corte, era criado, abatido e consumido, mas não o carneirinho mocho com laço de fita amarrado no pescoço, brinquedo dos meninos da casa-grande e dos sobrados.

Papagaio falante era bem-aceito dentro de casa, mas os periquitos nos terreiros, espantados a toda hora.

Esperança de boca preta era agouro; *esperança* de boca vermelha, felicidade.

Os pássaros, como os sabiás, eram raros na terra em que a cana expulsava as árvores, mas a ação de cobras venenosas era constante.

Os urubus, consumidores de carniça, eram bem-vindos, mas não os morcegos, os maiores inimigos dos cavalos do senhor da casa-grande.

A lagartixa e a rã eram toleradas perto das casas, serviam para as judiações dos meninos. Mas o sapo não: bicho de feitiçaria contra as casas ou sobrados.

Gilberto Freyre estuda atentamente a posição e as funções do cavalo na civilização da cana-de-açúcar. O senhor, "...do alto do cavalo foi quase uma figura centauro: metade homem, metade cavalo... O aristocrata da cana amava o seu cavalo que lhe completava a figura senhorial"⁵.

O cavalo de raça dos senhores e os cavalos de carro da família patriarcal eram diferentes dos cavalos de cangalha e, sobretudo, do cavalo de matuto, do sertanejo, e das bestas dos molinetes.

Se o cavalo vinha em primeiro lugar na hierarquia dos bichos da civilização da cana-de-açúcar, o boi seguia-lhe em segundo lugar. Todavia, foi o animal que melhor serviu aos homens da casa-grande e das senzalas. O Nordeste da cana, "...da

terra doce e firme de massapê, dos rios, dos negros escravos e dos bois”⁶. Os bois que movimentavam as almanjarras ou trapiques dos engenhos.

A presença e a importância do boi na civilização do açúcar ficaram marcadas nos falares do povo, como este que exalta o trabalho escravo, “o negro é um pé-de-boi”. Ou, no auto popular que expressa a revolta que é o *bumba-meu-boi*⁷.

Se o porco, o tatu, o veado e a paca participavam da intimidade da cozinha, como animais de comer tanto como o boi, o carneiro, o pombo e o porco, a cabra, a raposa, o guaxinim, o guará, o porco do mato eram inimigos da civilização do açúcar. *Êta cabra da peste!* A vaca de leite contrasta com a cabra. Os meninos pobres ou sertanejos eram alimentados com leite de cabra-bicho, mas aqueles opulentos ou da cidade, com leite de vaca⁸.

Assim também os mosquitos e as muriçocas deviam ficar longe da casa-grande, tanto quanto os ratos, as baratas, os morcegos.

Os bichos, quer os úteis, como os devastadores, possuíam na vida brasileira do Nordeste da cana uma importância mística considerável, como bem apontou Gilberto Freyre, pois, ao lado dos homens, senhores e escravos, habitavam casas-grandes e senzalas, enfim, o entorno de todo o triângulo rural clássico do Nordeste da cana: o engenho, a casa-grande e a capela.

Se os bichos foram incluídos naturalmente na história social, ecológica, concebida por Gilberto Freyre, também as cousas e as técnicas dela fazem parte. Alimentos, vestuário, habitação, “povoam o mundo das cousas”, e as técnicas para a sua obtenção e uso constituem “toda a espessura da vida dos homens”, ou seja, a comida de todos, a casa de todos, a roupa de todos, quer nas casas-grandes e nos sobrados, como nas senzalas e nos mucambos.

Com minudências, Gilberto Freyre trata da mandioca e da farinha de mandioca, “...base do nosso sistema de alimentação”⁹, pão dos ricos e pão dos pobres; ainda hoje é o alimento fundamental do brasileiro e a técnica da sua fabricação perma-

nece em grande parte da população, quase a mesma dos indígenas: a massa colocada em longos tipitis cônicos, feitos de embira ou de taquara.

A técnica do preparo da mandioca até a torrefação ao forno, descrita por Gilberto Freyre, é a mesma que encontramos montada na casa da farinha do Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá, praticada pelos caboclos do litoral paranaense, produzindo a farinha-d'água e a farinha-seca ou de guerra.

Nos tempos coloniais e mesmo entrando no século XIX, lá como cá, o que se consumiu foi o beiju de tapioca ou de massa no almoço, o pirão e a farofa no jantar¹⁰. Muitas vezes, naqueles tempos, em face das crises da farinha de mandioca, fomos chamados a socorrer “as fomes do Nordeste”, da Bahia e de Pernambuco, como socorriamos também com farinha-de-pau ou de-guerra, as tropas do Sul, Sacramento e Continente de São Pedro¹¹.

O pão, o pão branco de trigo, como acentua Gilberto Freyre, foi “...raro entre nós até os começos do século XIX”¹². As condições adversas de solo e de clima permitiram apenas tentativas de plantações de trigo no Sul, no final do século XVI-II e início do século XIX, quando foram dizimadas pela praga da ferrugem, facilitando as importações do trigo americano quando da abertura dos portos e do reconhecimento da Independência do Brasil pelos Estados Unidos.

Escapou a Fernand Braudel, quando estuda a vida material, a importância da mandioca que, segundo ele, na América, “...só serviu culturas primitivas regularmente medíocres”. Para ele, a mandioca não se difundiu na Europa e assim não teve a promoção do milho e da batata¹³.

Já o milho é “...uma personagem apaixonante... uma planta miraculosa”¹⁴. Gilberto Freyre deu-lhe também a consideração merecida, como o único cereal encontrado no Brasil pelos europeus. Do milho que, além da farinha, aproveita-se a canjica, a pamonha, alimentos para o almoço, o jantar, a mesa e a sobremesa¹⁵.

Mandioca e milho eram, todavia, cultivados pelos índios unicamente com instrumentos de madeira: o bastão de lavar, os pilões de pau para a pisa, os tipitis de taquara. Também, de pedras: machados, cortadeiras, pedras de ralar. Enfim, nenhum metal¹⁵.

Com a chegada dos colonizadores, entraram também as enxadas, o pai-adão, a roda dos carros de boi, os moinhos. Todavia, por muito tempo perdurou apenas a simples enxada e o motor foi apenas o escravo. “Por que máquina cara, difícil e complicada de moer isto ou fazer aquilo, quando havia o negro?”¹⁷ Os escravos inclusive eram os carregadores, espécie de tropa de mulas, com a alternativa única dos carros de boi. Escravos africanos para os trabalhos do eito e da bagaceira e que, afinal, eram os encarregados do processo de produção, de circulação, inclusive da parte rudimentarmente mecânica da fabricação do açúcar, como o foram também, mais ao Sul, da mineração¹⁸.

Os utensílios eram as colheres de pau, os cestos de vara, os balaios de folhas de palma. Os vasilhames, tudo feito à mão: panelas, púcaros, alguidares, em que coziavam e comiam. Os próprios banhos, senão nos rios, nas gamelas de madeira.

Na consideração das técnicas, Gilberto Freyre assinala particularmente as fontes de energia: o motor humano, ou seja, o escravo, animais domésticos (bois e bestas), moinhos (vento, água), madeiras (carvão). Refere-se desde a *picata* ou *cegonha*, máquina simples de tirar água do fundo do poço, à *nora*, pequeno engenho de elevar a água. Levado pelos árabes à Península Ibérica e, de lá, trazido para o Brasil pelos portugueses. Se os *cruzados* haviam levado o moinho de vento às Espanhas, os mouros introduziram em Portugal o moinho de água, ou *azenha*, avô, segundo Gilberto Freyre, do engenho colonial brasileiro de moer cana pelo impulso da queda d’água sobre uma grande roda de madeira horizontal ou vertical, conforme recebiam a água por baixo ou por cima¹⁹. Havia, como já foi observado, os movidos a bois, chamados *trapiches*, e os movidos a bestas ou *molinetes*. Foram ambos, juntamente com a força de trabalho dos escravos, as ferramentas fundamentais na civilização da cana.

Quanto à habitação, Gilberto Freyre sintetiza:

...estabelecida a lavoura de cana e a indústria do açúcar, a população foi se definindo em senhor e escravo, e o *casario* colonial foi se extremado em casa de pedra, ou adobe, e em casa de sapé ou palha; em casa de branco e em casa de negro ou caboclo; em sobrado e em mucambo.²⁰

A nobreza da casa estava principalmente no uso de elementos mais duráveis na sua construção: pedra e cal, adobe, telhas, madeiras de lei, grades. Em todo caso, habitações fortes, de taipa ou de pedra, ao lado dos engenhos de açúcar. “O mar fornecia o óleo da baleia para dar força à argamassa das paredes das casas, além do azeite de peixe para alumiar as salas, peixe fresco para a mesa, mariscó para o fabrico da cal”²¹.

A *rede*, valioso elemento da cultura material brasileira, deixada pelos indígenas, foi por largo tempo de uso generalizado na Colônia. Dormir em cama era sinal de distinção, de classe, de raça, de região culta ou rica. Nesse meio, quando entraram, eram camas enormes, e, tanto como os móveis mais nobres, eram de jacarandá, de vinhático, conduru, pau-santo. Casas de nobres, madeiras nobres, muitas vezes madeiras brasileiras importadas da Europa, trabalhadas por artistas requintados²². Nessas casas, também muitos mosquiteiros, balaios e baús de couro, cestos diversos. Raramente, o guarda-roupa.

A rede foi também, e dos mais duradouros meios de transporte. Os colonos, até o século XVIII, sobretudo as senhoras, quando saíam, eram dentro de redes, sobre as quais se colocava um tapete. Ou, os nobres e ricos, em palanquins de seda, de veludo ou de damasco por dentro. Verdadeiros fornos ambulantes, assinala Gilberto Freyre.

Nas redes ou palanquins, deixavam-se os senhores carregar pelos negros, dias inteiros, uns viajando de um engenho a outro, outros passeando pelas ruas das cidades: o mais das vezes sempre deitados ou sentados nas almofadas pegando fogo²³.

Além de tratar dos animais, das cousas e das técnicas no Brasil Colonial, Gilberto Freyre, nos trabalhos mencionados, sobretudo em *Sobrados e Mucambos*, apreende a invasão do Brasil por artigos modernos, ocidentais, desde as facas e os garfos, de uso individual, aos instrumentos de cirurgia.

Nunca uma revolução se fez tanto mais escandalosamente à vista de todo mundo do que essa no Brasil da primeira metade do século XIX... são jornais, os dos primeiros decênios do século XIX, cujos anúncios fazem tremer nas bases todo o sistema escravocrata e patriarcal da Colônia, e depois do Império.²⁴

Desde a imprensa, a informação das novidades tanto político-sociais, como da vida material.

A vitória da máquina seria a ruína desse sistema baseado quase que exclusivamente no trabalho escravo e subsidiariamente na energia do animal” e no qual a máquina desempenhava não só um papel secundário, como insignificante.²⁵

Esta revolução desassombrou o Brasil pela iluminação das ruas, das praças, das casas que substituem o azeite de peixe, a vela de sebo, a lanterna chinesa de papel, a cabeça de alcatrão, pelo lampião à querosene, pelo candeeiro inglês ou belga de querosene, pelo bico de gás.²⁶

Foi o desassombramento sob a influência de técnicas ocidentais de produção, de transporte, de urbanização, de pavimentação, de saneamento de ruas e casas, de habitação, de preparação e conservação de alimentos, de recreação. Enfim, o Brasil entrava em fase nova, material e moral²⁷.

De um lado, a destruição das gelosias, a proibição das rótulas; de outro, a introdução do vidro, do requinte das portas envidraçadas, não só dando para a rua, como dentro de casa, das alcovas para a sala de visitas e de jantar. Vidros nas carruagens.

Nas cidades, ruas largas em vez de becos estreitos. Canos para a condução da água. Canos de esgoto, canos de gás.

Barcos a vapor, trilhos, locomotivas, vagões, trens, ferrovias. Moinhos a vapor, fornos de cobre, bacias de cobre, gelo, cerveja inglesa. Dentaduras postiças. Enfim, a europeização do Brasil pela introdução de novas técnicas ocidentais, vindas da Inglaterra, da França. Tudo que era inglês ou francês, foi ficando de bom gosto. Tudo que era português, de mau gosto²⁸.

Novos materiais, novas técnicas construtivas. “As casas-grandes rurais começavam a ser eclipsadas pelos sobrados da cidade. Aliás, os fidalgos do açúcar começaram a ser eclipsados pelos do café”²⁹.

Revolução em tudo, europeização de tudo: alimentos, remédios, vestuário. Agora, por exemplo,

...sobrecasaca preta, botinas pretas, cartolas pretas, carruagens pretas, quase um luto fechado. Essa europeização de nossa paisagem, de preto e cinzento, começou com Dom João e culminou com Pedro II³⁰.

Revolução que se conclui ao reverso no início do novo século, com a vitória do branco, do brim branco.

Para uma população tristonhamente vestida de preto. Uma população que se diria de volta ou a caminho de um enterro. ... Era justo que o branco, no vestuário, acabasse vencendo entre nós ...nada mais próprio para os nossos sóis que as roupas brancas ou claras.³¹

O violão, o instrumento musical mais difundido no Brasil, no século XVIII, é suplantado pelo “...piano inglês, tocado pelas moças para o gosto exclusivo dos brancos das casas-grandes e dos sobrados”³².

A conjuntura é a mesma em todo país. O meu bisavô, chegado da Alemanha ao Paraná em 1829, foi quem primeiro tocou piano em Curitiba.

Enfim, europeização que muda o ritmo da vida. Ritmo novo que veio a exigir relógios de todos os tamanhos³³, relegando-se os velhos relógios de sol.

Tudo quanto acabo de ressaltar, e muito mais poderia ter sido, sobretudo quanto aos alimentos e à sua maneira de prepa-

rar, foi colhido nesta releitura de obras de Gilberto Freyre, tendo como fio-condutor a hipótese de que o autor, além de haver realizado modernas aproximações da história social do Brasil, com sua argúcia intelectual e olhar atento para a totalidade da vida de todos os homens, realizou também, com modernidade, a história da vida material da civilização da cana-de-açúcar: dos bichos, das cousas, das técnicas que convivem nas casas-grandes e senzalas, sobrados e mucambos nesse Nordeste que é uma explicitação modelar do Brasil total, por ele analisada à luz do seu penetrante humanismo.

NOTAS

¹ FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. p. 153. (Coleção Documentos Brasileiros, 56).

² WESTPHALEN, Cecília Maria. Oitenta anos de Gilberto Freyre. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 31-33, 1980.

_____. Um modelo de história social: o de Gilberto Freyre. In: SEMINÁRIO DE TROPICOLOGIA, 1980, Recife. *Anais...* Recife: Massangana, 1983. p. 231-247.

_____. “Casa-Grande-& Senzala”, o tempo tribio e a longa duração. In: FONSECA, Edson Nery da (Org.). *Novas perspectivas em Casa-Grande & Senzala*. Recife: Massangana, 1985. p. 129-146.

_____. História Social do Trópico Brasileiro: excertos dos Anais do Seminário de Tropicologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1., 1986, Recife. *Anais...: Ciência para os Trópicos – Documentação Básica* (Org. MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de). Recife: Massangana, 1986. p. 215-224.

_____. WESTPHALEN, Cecília Maria. Homenagem a Gilberto Freyre. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPH, 6., 1987, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 1987. p. 7-8.

_____. A antenova história social do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TROPICOLOGIA, 1., 1986, Recife. *Anais...: Ciência para os Trópicos*. Recife: Massangana, 1986. p. 83-91.

_____. *Lições de Gilberto Freyre aos historiadores*.

WESTPHALEN, Cecília Maria. *O cotidiano em Casa-Grande & Senzala*.

- ³ FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da biografia* (In Prefácio de Maria do Carmo Tavares de Miranda). Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978. p. 9.
- ⁴ MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937. (Coleção Documentos Brasileiros, 5). Assinale-se que logo a seguir ao seu livro *Nordeste*, e no mesmo ano, Gilberto Freyre, como diretor da Coleção Documentos Brasileiros, publicou *O outro Nordeste*, de Djacir Menezes, que conforme depoimento do próprio Djacir, sugeriu-lhe o título (*Boletim do CFC*, n. 38, p. 49).
- ⁵ FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1937. p. 36 e 93.
- ⁶ *Ibid.*, p. 24.
- ⁷ *Ibid.*, p. 100-105.
- ⁸ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 380.
- ⁹ *Idem*, *Casa-Grande & Senzala*. 20. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1988. p. 32.
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 219.
- ¹¹ WESTPHALEN, Cecília Maria. As farinhas de Paranaguá. In: PELAÉZ, C. M., BUESCU, M. *A moderna História Econômica*. Rio de Janeiro: A-PEC, 1976. p. 73-76.
- ¹² FREYRE, *Casa-Grande & Senzala...* p. 82.
- ¹³ BRAUDEL. *Idem*, p. 139 e 153.
- ¹⁴ *Idem*, *ibidem*.
- ¹⁵ FREYRE. *Idem*, p. 124-126.
- ¹⁶ *Ibid.*, p. 96-97.
- ¹⁷ FREYRE, *Sobrados e Mucambos...*, p. 502.
- ¹⁸ *Ibid*, p. 534.
- ¹⁹ FREYRE, *Casa-Grande & Senzala...* p. 211.
- ²⁰ *Idem*. *Sobrados e Mucambos...* p. 230.
- ²¹ *Ibid*, p. 181 e 187.
- ²² *Ibid.*, p. 284 e 380.
- ²³ FREYRE. *Casa-Grande & Senzala...* p. 266 e 415.

²⁴ FREYRE. *Sobrados e Mucambos*. p. 534.

²⁵ *Ibid.*

²⁶ *Ibid.*, p. 430.

²⁷ *Ibid.*, p. 431.

²⁸ *Ibid.*, p. 336.

²⁹ *Ibid.*, p. 48.

³⁰ *Ibid.*, p. 312.

³¹ FREYRE, . *Tempo de aprendiz*. São Paulo: IBRASA/INH, 1979. v. 2. p. 224.

³² FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos...* p. 44.

³³ *Ibid.*, p. 539.

ABSTRACT

Gilberto Freyre, Historian of the Material Life: the Animals, the Things, and the Techniques.

Grounded on Fernand Braudel's paradigms, the essay points out Gilberto Freyre's pioneering approach – in works such as Casa-Grande & Senzala (The Masters and the Slaves), Sobrados e Mucambos (The Mansions and the Shanties), and Nordeste (Northeast) – in regarding Brazilian material culture in his essays published in the thirties. The essay contends that Freyre accomplished “modern approaches to the social history of Brazil” as well as a “history of the material life of the sugar cane civilization.”

RÉSUMÉ

Gilberto Freyre, historien de la vie matérielle: les bêtes, les choses et les techniques.

A partir de paradigmes proposés par Fernand Braudel, l'auteur montre l'esprit pionnier de Gilberto Freyre à travers les oeuvres Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos et Nordeste, en considérant la culture matérielle brésilienne dans les essais de Freyre des années 30. Il conclut que l'auteur réalisa “des approximations modernes de l'histoire sociale du Brésil” et une “histoire de la vie matérielle de la civilisation de la canne à sucre”.